

ARTIGO

PRODUÇÃO DO SILÊNCIO E SEQÜESTRO DO ESPAÇO PÚBLICO

UMA INCURSÃO ETNOGRÁFICA NA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

*Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto**

Resumo: Partindo da proposta de Boaventura de S. Santos de uma arqueologia virtual presente, o artigo apresenta o estudo feito no Parque Santa Madalena, na periferia da cidade de São Paulo, em vista de compreender o impacto, ali, das diferentes propostas de intervenção social com a população carente. Utilizando a compreensão de "pedaço", elaborado por José G.C. Magnani, e procurando identificar, nesta região, os itinerários percorridos pela população estudada, este estudo procura oferecer uma caracterização do bairro como um todo e de seus pedaços. A relevância de tal empreitada está em colocar balizas para a compreensão da inteligibilidade intercultural das necessidades detectadas tanto pela população-alvo das intervenções quanto pelos agentes educacionais e sociais.

Palavras-chave: silenciamento, marginalidade, urbanização.

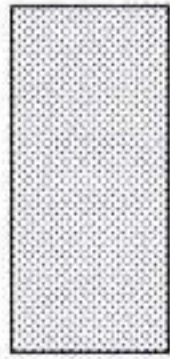
* Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e Professor da Universidade Cidade de São Paulo — S. Paulo - SP

¹ Este estudo faz parte da tese de doutorado em Psicologia Social elaborada e defendida no final de junho de 1998, com financiamento da FAPESP: BONATTO, Francisco Rogerio de Oliveira. *O Próximo-Distante: Análise do Projeto Pequenos Trabalhadores*. Um estudo na favela do Parque Santa Madalena - São Paulo - SP. São Paulo, 1998. 2 vol. - 207p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

² À época da pesquisa, o Projeto Pequenos Trabalhadores atendia a 42 crianças e adolescentes (entre sete e 14 anos), moradores da favela.

Este artigo reporta análises e conclusões formuladas a partir de observações feitas no Parque Santa Madalena, bairro localizado na Zona Leste do Município de São Paulo.

O cenário do estudo empreendido¹ foi o Projeto Pequenos Trabalhadores (PPT), que é um Centro de Juventude para crianças e adolescentes carentes da favela do Parque Santa Madalena e que nasceu por influência do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente "Mônica Paião Trevisan" (CEDECA), que tem sua sede no mesmo bairro. O objeto dessa pesquisa foi o impacto e alcance das relações estabelecidas entre o grupo que mantém o referido Projeto e a população por ele atendida².



O estudo parte da problemática percebida nas tentativas de comunicação entre educadores e educandos que terminam, muitas vezes, em silêncio. Serão estes silêncios *assentimentos*, concordância com a proposta do educador? Ou serão *silenciamentos*, vozes que se calam por imposição de argumentos abstratos, fora de seus horizontes, que não conhecem ou não sabem como rebater?

A busca de respostas para esta problemática tem como suporte as reflexões epistemológica e metodológica elaboradas por Boaventura de Sousa Santos³. A aproximação das populações empobrecidas em vista de viabilizar as possibilidades de resgatar sua condição cidadã implica no esforço de ouvi-las, de prestar atenção às suas necessidades — isso, se se pretende superar a visão de intervenção educativa *para objetos* em vista de formulá-la como intervenção *com sujeitos*. Assim, o estudo se propõe a empreender o que Santos chama de *arqueologia virtual presente*. Esta é uma “arqueologia virtual porque só interessa escavar o que não foi feito e, por que não foi feito, ou seja, por que é que as alternativas deixaram de o ser. Neste sentido, a escavação é orientada para os silêncios e para os silenciamentos, para tradições suprimidas, para as experiências subalternas, para a perspectiva das vítimas, para os oprimidos...”⁴ Esta arqueologia tem como campo de exploração o que Santos chama de *heterotopia*, os lugares da margem, não centrais, diferentes da ortotopia. É desses lugares que se pode fazer a arqueologia virtual presente, ou seja, “tornar possível uma visão telescópica do centro e, ao mesmo tempo, uma visão microscópica que permita identificar aquilo que a ortotopia exclui para poder ser centro”. Esta mudança implica na formulação de um novo paradigma epistemológico no qual se busca o rompimento com a pretensão do paradigma moderno de ser a única forma de conhecimento válida, de dar explicações atemporais e baseadas na autoridade de procedimentos metodológicos unilaterais. O novo paradigma vai propor que o processo de conhecimento dependa do processo argumentativo no interior das comunidades interpretativas. Assim, os princípios reguladores do conhecimento, neste novo modelo, além

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

³ SANTOS, 1995.

⁴ SANTOS, 324.



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

⁵ GEERTZ, 27.

da validação científica, seriam, por um lado a democraticidade interna da comunidade interpretativa e, por outro, como valor ético-cultural, o valor da dignidade humana.

Na busca de entender o alcance desta intervenção social específica, uma das tarefas empreendidas foi a de procurar compreender um dos pólos desta relação, ou seja, a população que frequenta este espaço educativo em seu território próprio, a favela do Parque Santa Madalena. Fazemos nossa a pergunta de Geertz⁵: “que tipo de homens são esses?”, quem são os indivíduos da população que se aproximam dessa atividade, desse grupo que a mantém? O que buscam?

Uma das possíveis entradas para a elucidação dessa problemática é a aproximação do território no qual vivem e se movimentam estes sujeitos. Este artigo procura traçar um certo retrato desse território e sua população, através da descrição do universo em que se move. Para isso foi feito um trabalho de observação sistemática das condições de vida na favela e no interior das casas dos sujeitos em estudo.

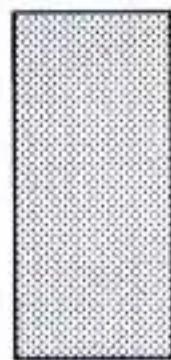
Nesta descrição procuraremos caracterizar, por um lado, a relação dessa população com seu espaço de moradia: a distribuição e relação das pessoas nesses espaços e os aspectos das relações familiares que podem ser significativos.

Por outro lado, buscaremos compreender a relação de extensão e/ou rompimento do espaço da moradia com outros espaços, a saber:

- a) o espaço público-próximo (viela/vizinhança).
- b) o espaço público-remoto (rua, praça, instituições).
- c) o Projeto Pequenos Trabalhadores.

O método

Consistiu o método de pesquisa no estudo de observação sistemática das condições de vida na favela e no interior das casas dos sujeitos em estudo. Visitamos as casas das crianças e adoles-



centes que freqüentavam o Projeto Pequenos Trabalhadores e que fazem parte da população definida neste estudo, entre outubro de 1996 e janeiro de 1997. Descrições, relatos, retrospectivas sobre o contexto de vida dessa população são os dados que visávamos obter.

Foram feitas 21 visitas⁶, a fim de observar as condições gerais da habitação e descrevê-la, procurando indagar sobre hábitos, costumes e rotina de seus moradores. Além disso, foram feitas observações de como se dá a relação com o espaço público adjacente à sua habitação. Aproveitamos as visitas domiciliares, que são feitas freqüentemente pelo pessoal do Projeto às casas das crianças, para coletar os dados, acompanhando, assim, as visitas, ora da coordenadora do Projeto, ora das educadoras.

De modo geral, não houve resistência à nossa presença, a não ser quando a mãe da criança estava ocupada em algum afa-zer particular. Nestas ocasiões, as visitas tinham uma duração muito breve.

O registro dos dados foi realizado por meio de anotações em fichas de anamnese elaboradas especificamente para este fim, nas quais eram consignadas as observações feitas durante a visita, bem como os assuntos nela tratados. Esta coleta de dados específica ocorreu na segunda quinzena de agosto de 1997.

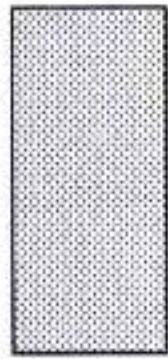
O bairro

O núcleo comercial do bairro se localiza no que é chamado de *final do Madalena*, que corresponde ao ponto final do ônibus, onde termina a Av. Primavera de Caiena, principal artéria do bairro. Este núcleo comercial atende, preferencialmente, a população que mora em seu entorno. Os habitantes do início da avenida se dirigem, geralmente, para o núcleo comercial do Jardim Planalto, na Av. Manoel Pimentel, que é mais próximo. Para compras de maior vulto, dirigem-se ou para o centro de São Paulo ou para o de Santo André, geograficamente mais próximo e de fácil acesso.

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

⁶ De um total de 30 moradias, não nos foi possível visitar 9 delas pela ausência da mãe por motivo de trabalho ou porque a criança ou o adolescente havia se mudado ou se retirado do Projeto.



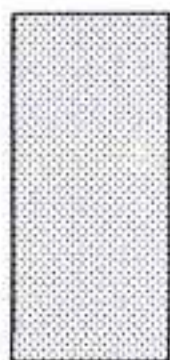
Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

Duas escolas municipais de primeiro grau atendem parte da população escolar do bairro: a Escola Brasília Machado Neto, que se localiza à Rua Almirante Otacílio Cunha e a Escola Arlindo Caetano Filho, que se localiza à Rua Palmeira Bacabá e é contornada pela Rua Paulo Rosa. Outra parte da população escolar frequenta as escolas estaduais: Aroldo de Azevedo, que atende parte da população do Pq. S. Madalena e está situada no final da Av. Anhaia Melo (no Jd. Planalto); Emir Macedo Nogueira, localizada à Rua Iaçapé e que atende a crianças de 1ª a 4ª séries e Liberato Grossi, no final do Madalena, à Rua Ilha da Trindade e que acolhe alunos da 5ª a 8ª séries e 2º Grau.

Na Rua Iaçapé, ao lado da escola estadual, está o posto de saúde, mantido pela Prefeitura do Município, que vem sendo, aos poucos, desativado. A população, quando necessita de atendimento mais especializado, tem que se dirigir ao Ambulatório da Av. Sapopemba ou ao Posto do Jardim Elba, devendo percorrer uma distância de aproximadamente três quilômetros para chegar a qualquer um deles.

Há no bairro uma creche municipal direta, outra conveniada com uma Instituição com sede na Vila Prudente e uma escola de educação infantil, localizadas à Av. Dr. Paulo Colombo Pereira de Queiroz, bem como o Clube Desportivo Municipal (CDM). Há uma creche municipal direta, na Av. Manoel Pimentel, que, mesmo pertencendo ao Jd. Planalto, atende igualmente à população do Pq. S. Madalena. O CDM está aberto a toda a população do bairro. Há uma diretoria, formada por moradores, que o administra. Nos fins de semana, acolhe equipes de futebol do bairro e visitantes. Durante a semana, alguns horários estão reservados para aulas de Educação Física da Escola Emir Macedo Nogueira e para atividades esportivas do Projeto Pequenos Trabalhadores e do Centro de Juventude Oscar Romero. Fora destes horários, crianças e adolescentes se dirigem para lá e organizam seus próprios jogos na quadra ou no campo de futebol. Outro espaço destinado à prática esportiva, principalmente aos sábados e domingos, é a quadra de esportes da Escola Municipal Brasília



Machado Neto. A escola cedeu alguns horários para as atividades esportivas organizadas com crianças, adolescentes e jovens que são acompanhados pelo Centro de Defesa. Fora dos horários reservados à Escola e ao Centro de Defesa, meninos e meninas se dirigem para a quadra para jogar ou assistir aos jogos organizados por crianças e adolescentes do bairro.

No Jd. Planalto, há uma grande praça que constitui um ponto de encontro para a população da região. Alguns ambulantes fazem ponto ali, vendendo cachorro-quente, refrigerantes, água de coco. Este espaço é conhecido, também, como ponto de tráfico de drogas. Até setembro de 1996, nas noites de sábado e domingo havia o “sambão”. Grupos se apresentavam, tocando samba e pagode e a população se reunia na praça para se divertir. Brigas entre grupos ou entre indivíduos começaram a gerar tiroteios que culminaram em mortes durante vários fins de semana. A partir daí, não ocorreu mais a concentração de pessoas aos domingos. Em agosto de 97 um circo de médio porte se instalou na Praça do Planalto. Os espetáculos, principalmente os de fim de semana, tornaram possível novamente a utilização daquele espaço. Além dos que se dirigiam ao circo, outras pessoas, à noite aproveitavam para circular pela praça e o sambão foi retomado no período em que o circo esteve ali.

Outra modalidade de lazer são as rodas de samba que são organizadas, geralmente, em algum bar da região. Encontram-se na Av. Manoel Pimentel, no Jd. S. Roberto, na Av. Sapopemba, na Av. Anhaia Melo, na Vila Industrial, localidades todas limítrofes do Pq. S. Madalena. São freqüentadas, geralmente, por adultos do sexo masculino e adolescentes do sexo feminino entre 17 e 18 anos.

O “Juazeiro” é uma casa de forró que se localiza na Vila Alpina, não muito distante do Pq. S. Madalena. Até um ou dois anos atrás, era freqüentado por adultos do sexo feminino que buscavam lazer ou alguma companhia masculina. Observa-se, agora, que este espaço está sendo freqüentado predominantemente por adolescentes — as filhas das primeiras freqüentadoras — que vão tomando o lugar das mães na preferência dos homens que vão a este local.

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

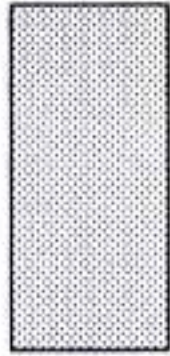
O Grêmio Recreativo Escola de Samba Combinados do Sapopemba — que, atualmente, está no Grupo 2 das Escolas de Samba — é um outro pólo de lazer da região. Para lá convergem grupos de diferentes bairros e pedaços. Sua sede está na Av. Sapopemba, no Jardim Grimaldi. Todos os fins de semana há ensaio para o carnaval ou roda de samba. Todos os anos, as crianças do Projeto Pequenos Trabalhadores — devidamente autorizadas pelos pais — formam uma das alas que desfilam pela Escola de Samba, no carnaval.

Três grandes casas noturnas atraem as atenções dos adolescentes do bairro: Gigantão, a mais próximo, que está localizada na Av. Sapopemba e funciona somente nos fins de semana; tem uma programação mais voltada para o público adulto nas sessões noturnas e para os adolescentes às tardes, com apresentação de cantores e duplas de músicas sertanejas ou românticas; a Êxtase, a mais recente, aberta praticamente todos os dias, também está na Av. Sapopemba — muitos adolescentes, durante a semana vão para lá, deixando de frequentar as aulas — e o Club House em Santo André. Para estas casas noturnas os jovens se dirigem em grupos formados por vizinhança ou do bairro (formados por colegas da escola, por exemplo) numa movimentação semelhante à indicada por Magnani para proteger os membros que se locomovem fora dos seus respectivos territórios⁷.

Pontos de encontro e de pequenas compras, principalmente nos fins de semana são as padarias. Uma rotisseria é um dos pontos tradicionais do Pq. S. Madalena e Jd. Planalto: é a Leidiane, que patrocina com faixas as festas e quermesses da paróquia e das outras comunidades católicas da região. Aos sábados e domingos à noite, esta rotisseria — que está próxima à Praça do Jd. Planalto — é o local preferido de encontro dos jovens de ambos os sexos. Os rapazes, muitos com motos e carros roubados⁸, estacionam em frente à Leidiane; ao redor destes carros e motos jovens casais namoram ou se encontram com amigos enquanto consomem bebidas e petiscos servidos ali. O Supermercado Veloso que, em 1997 inaugurou uma nova loja no bairro,

⁷ Cf. MAGNANI, 145.

⁸ Esta informação provém de comunicação pessoal de V. (codinome para uma informante) que, por razões profissionais, tem acesso a este tipo de informação. V. vive no bairro desde os quatro anos de idade. Acompanhou de perto seu crescimento e os problemas que daí decorreram. É agente de pastoral da comunidade católica e iniciou o CEDECA no bairro. Formou-se em Direito e hoje é advogada do Centro de Defesa.



também se constitui na principal casa de comércio. Leidiane e Veloso estão na Av. Manoel Pimentel.

O bairro é atendido também por três feiras livres: aos domingos, na Rua Almirante Otacílio Cunha, às sextas-feiras, no final do Madalena, na Rua Planalto dos Alcantilados e às quintas-feiras, na Rua Flavio Tambelini, no Jd. Planalto. As feiras são locais nos quais as pessoas se encontram, se revêem, têm notícias umas das outras e põem em dia as “fofocas”. As mães das crianças do Projeto, geralmente, vão às feiras perto da hora de terminarem, pois muitos artigos são mais baratos nesse período. Meninos, principalmente, aos domingos fazem ponto pelas ruas adjacentes e se oferecem ou para guardar os carros ou para carregar sacolas em troca de alguns centavos ou reais.

O transporte coletivo é atendido por empresas do Município de São Paulo que fazem as linhas Circular (até a Praça da Sé), Almeida Jr. (Liberdade), Pq. do Ibirapuera e Pq. D. Pedro, passando pelo Pq. S. Lucas, Vila Prudente, Ipiranga, Cambuci e São Mateus. Duas empresas de Santo André mantêm duas linhas que saem do centro de Santo André e vão uma até o Cj. Teotônio Vilela e outra até Artur Alvim, em São Paulo.

Duas organizações não-governamentais (ONGs), ligadas à comunidade católica, atendem às famílias do bairro, principalmente as da favela. Uma é a Sociedade do Cantinho da Esperança, que é a instituição que abriga o Cantinho da Esperança — trabalho com crianças e adolescentes portadores de deficiência —, o Projeto Pequenos Trabalhadores (cujá sede se encontra na Igreja Paroquial, no início da Av. Primavera de Caiena) e o Centro de Juventude da Comunidade Oscar Romero (localizado à Rua Iaque, no final do Madalena). O Núcleo Santa Ângela, atualmente priorizando atendimento a crianças abaixo de sete anos, também é uma alternativa de atendimento na região. Outra ONG é o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente Mônica Paião Trevisan (CEDECA), cuja sede está à Av. Dr. Paulo Colombo Pereira de Queiroz. Na Av. Primavera de Caiena, localiza-se o prédio do CECISPAM (Centro Cívico do Parque Santa Madalena), entidade

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

organizada no bairro em 1983. Desde 1988 foi desativada, permanecendo o prédio desocupado até 1996. No final desse ano, o CEDECA reformou o prédio e ocupou-o para montar cursos profissionalizantes. Estas duas entidades — Sociedade do Cantinho da Esperança e CEDECA — surgiram a partir da organização da Pastoral do Menor da Igreja Católica. Assim, mantêm também uma relação com a Paróquia da Reconciliação e recebem apoio dos padres e seminaristas da Congregação dos Missionários Combonianos, que mantêm um seminário teológico com sede no bairro.

Os “pedaços”

O Parque Santa Madalena não constitui, contudo, uma região homogênea, do ponto de vista antropológico. Com José Guilherme Cantor Magnani, podemos dizer que o bairro é formado por “pedaços”, ou seja territórios que delimitam a locomoção e influem na identificação de seus moradores⁹.

O que caracteriza o “pedaço” é, antes de tudo, a necessidade de se “estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedências”. No Pq. S. Madalena, também, algumas categorias definem o tipo de inserção nessa rede: “chegado” a fulano é aquele que é apenas conhecido e mantém vínculos superficiais com determinada pessoa. Por outro lado, o “colega” é aquele que estabelece “uma relação mais concreta — firma, escola, clube de futebol — e, por conseguinte, um maior conhecimento sobre seu trabalho, suas preferências desportivas, habilidades, participação em associações vicinais etc.”¹⁰. Igualmente, ser compadre ou comadre estabelece uma relação tão forte de proximidade quanto a de parentesco¹¹.

Diferindo ligeiramente da descrição de pedaço elaborada por Magnani em seu trabalho, podemos notar, entretanto, semelhanças nos contornos dos pedaços que constituem o Parque Santa Madalena. É possível divisar estes contornos de modo especial

⁹ MAGNANI, 137-146.

¹⁰ ID. 137.

¹¹ ID. 138. As estreitas relações baseadas no compadrio têm suas origens na cultura nordestina, da qual provém a maioria da população que habita nestes pedaços. Para uma visão mais ampla dessa questão cf. SOUZA, I., *O Compadrio: da política ao sexo*. Petrópolis, Vozes, 1981.



pelo comportamento dos moradores de cada um desses territórios, principalmente as crianças. A não circulação por pedaços que não os próprios – a não ser quando se faz necessária a passagem por eles –, a rivalidade entre grupos de pedaços diferentes – marcadamente notados em ocasiões de disputa de futebol, também reflexo da disputa entre grupos de traficantes de drogas sediados em diferentes territórios – são sinais desta distinção que determina regras de comportamento, de respeito, de utilização de caminhos e vielas e de identificação da própria posição no bairro. Quando o Projeto Pequenos Trabalhadores mantinha um curso de tear, pessoas da comunidade encaminharam alguns adolescentes do Jd. Planalto para aí se inscreverem. Apesar de a equipe do Projeto ter garantido as vagas para estes adolescentes, eles não compareceram por causa da resistência, tanto deles quanto dos que os receberiam, em conviver com pessoas de outro pedaço.

O tráfego por um pedaço que não o próprio geralmente se dá a partir de um objetivo bem definido: visitar ou encontrar-se com um colega. Na maioria das vezes os encontros são combinados em territórios neutros do bairro (avenidas e ruas distantes dos núcleos dos pedaços). Mesmo os novos educadores do Projeto, começam a circular pelos pedaços onde habitam as crianças e adolescentes ou com um membro mais antigo da equipe ou com as próprias crianças. Nas visitas aos pedaços, a senha que reitera a possibilidade de circulação é a saudação — “Oi, tio! Oi, tia!” — das crianças do Projeto ou das que já o freqüentaram ou suas mães¹².

Assim como o pedaço, descrito por Magnani em seu estudo, tem um núcleo para o qual converge, se encontra e passa a população que aí mora, os pedaços do Pq. S. Madalena que interessam à nossa pesquisa têm, cada qual, o seu núcleo que, porém, não se localiza no ponto central do pedaço, mas constitui o espaço que funciona como elemento de ligação entre o pedaço e o território “neutro” que é a rua.

Além da Avenida Primavera de Caiena, algumas ruas constituem referência, principalmente para os pedaços nos quais habita a população objeto do nosso estudo. Uma delas é a Rua

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

¹² Das respostas das crianças e adolescentes em entrevistas pode-se constatar que somente duas (4,8%) afirmaram que se locomovem entre pedaços diferentes, enquanto 31 sujeitos (73,8%) assinalam que se locomovem somente dentro de seu pedaço, e entre a favela e os espaços neutros do bairro ou outras localidades, e outros nove sujeitos (21,4%) se locomovem somente entre a favela e os espaços neutros do bairro ou em direção a outros locais.



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

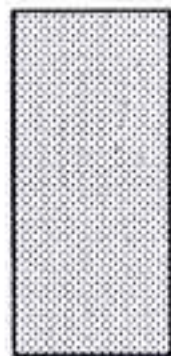
Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

¹³ Atualmente o tráfico de droga nos dois pedaços é controlado por um mesmo grupo. Há uns 10 ou 12 anos, predominavam as quadrilhas que se ocupavam com assaltos e roubos e que eram originárias da favela. Geralmente se organizavam por pedaços. Já houve, porém, num breve período, uma grande quadrilha com membros de vários pedaços; havia uma união maior entre famílias de territórios diferentes — ligadas por laços de parentesco ou compadrio —; apesar disso, as disputas entre os pedaços eram mais acirradas. Nessa época, predominavam os assaltos a bancos e outros estabelecimentos ou roubos. O assalto a um banco era motivo para grande festa no pedaço. Quanto maior e forte fosse a quadrilha, com maior crueldade se caracterizavam as punições. Geralmente, a traição não era punida com fuzilamento, mas com degola, por exemplo. Havia uma relação respeitosa e até de proteção entre os membros dessas quadrilhas e a população do bairro. Conta-se que numa ocasião, uma mulher pediu ao dono de uma padaria para lhe dar um litro de leite, pois não tinha dinheiro. Como lhe fora negado, voltou para sua moradia e, encontrando-se com um membro de um desses grupos, contou-lhe o que havia acontecido. A quadrilha foi até o estabelecimento comercial, fez pilhagem de diversas mercadorias e distribuiu-as na favela. Essa relação de respeito permitia até que os educadores da comunidade, que organizavam atividades com crianças e adolescentes, pudessem intervir quando a vida de algum dos meninos estava em risco: procuravam os chefes das quadrilhas, conhecidos no pedaço, e conversavam procurando intermediar o conflito, buscando resolver as questões sem utilização de violência. A partir de 1986-87, há uma mudança no perfil das quadrilhas margi-

Amorepinima que dá acesso a um lado da favela com as vielas que aí desembocam, principalmente a Melão e a das Uvas. Outra é a Rua Dr. Edgar Pinto Cesar, que liga a R. Amorepinima à R. Fonseca Lessa. É pela Fonseca Lessa que se chega à Rua Rodrigues dos Santos pela qual se entra no outro lado da favela. Esta rua avança por uns 50 metros e vai se afunilando, transformando-se em viela dando acesso a outras. A Rua Rodrigues da Guerra começa na Rua Fonseca Lessa e limita, à leste a favela da Rua Rodrigues dos Santos. A Rua Almirante Otacílio Cunha, paralela à Rua Dr. Edgar Pinto Cesar é outra rua referencial para a população que mora nas favelas. Nessas ruas, as moradias são todas de alvenaria, umas maiores outras menores, mas com uma aparência de residência mais bem construída. Para muitos, a aspiração no que se refere a moradia melhor é a possibilidade de habitar numa dessas ruas ou até mesmo na avenida.

Os dois lados da favela — o Pedaço Amorepinima e o Pedaço Rodrigues — constituem a ocupação de uma enorme depressão que conduz, a céu aberto, o esgoto despejado pelas casas da avenida e das ruas do Pq. S. Madalena. Este esgoto é despejado no Córrego Oratório que delimita os municípios de S. Paulo e S. André. Assim, além dos moradores, a população de ratos percorre constantemente, principalmente à noite, tanto vielas quanto o interior dos barracos. Atualmente os dois lados se comunicam por pinguelas construídas por moradores que levantaram seus barracos no fundo dessa depressão. O acesso, por dentro, a um dos lados, porém, raramente é feito pelos moradores. Esse fundo da favela, geralmente é freqüentado por grupos de traficantes ou de drogadictos - os “nóias” - que aí se reúnem para fumar maconha ou crack.¹³

Os moradores saem do seu pedaço pelos acessos “oficiais” (os núcleos) e se dirigem ao outro pedaço pela respectiva entrada. De alguma maneira, esses acessos (núcleos) condicionam a orientação e referência espacial das pessoas que moram num determinado pedaço. Muitos reconhecem casas, estabelecimentos e ruas próximas ao acesso do seu pedaço e desconhecem outros pontos



que, apesar de próximos, não são possíveis de se alcançar sem usar o caminho preestabelecido. No verão de 1992, a Escola Municipal Arlindo Caetano Filho organizou uma espécie de colônia de férias para as crianças do bairro. Como era aberta, não só para os alunos dessa escola, e alguns dos educadores do Projeto também seriam monitores nessa colônia, foram feitas algumas visitas no “pedaço” Rodrigues para avisar às mães dessa iniciativa, a fim de que elas autorizassem a participação de seus filhos. Várias dessas mães, quando eram informadas sobre o local onde se desenvolveriam as atividades, diziam não saber onde ficava a Escola Arlindo. Da moradia delas era possível ver a Escola, que estava a uns duzentos metros atrás. Mas apesar de estar ali, no mesmo bairro, parecia privada de existência, por não fazer parte do percurso utilizado para entrar ou sair do próprio pedaço.

De modo geral, mas não como uma regra rígida, as crianças do Pedaço Rodrigues freqüentam a Escola Municipal Brasília Machado Neto. Algumas estão matriculadas na Escola Estadual Emir Macedo Nogueira, que recebe também crianças do Pedaço Amorepinima. A maioria das crianças deste segundo pedaço freqüenta a Escola Municipal Arlindo Caetano Filho que atende também as crianças e adolescentes do Pedaço Paulo Rosa e do Pedaço Santa Ângela.

A Rua Amorepinima, mais adiante, dá acesso à assim chamada Rua Paulo Rosa. Ela delimita um outro pedaço da favela, distinto dos dois anteriores.

Por fim, parte da população atendida pelo Projeto habita na viela Santa Ângela. Do final do Madalena chega-se à viela descendo pela Rua Curupireira e toma-se a Rua Boleadeiras até o fim¹⁴. Esse pedaço é distante dos outros três, porém, não só as crianças que freqüentam o Projeto circulam pelo “centro” do Pq. S. Madalena como também outras que freqüentam as Escolas Municipais que aí estão.

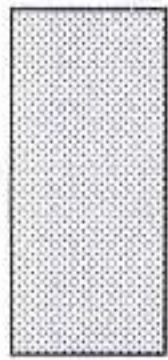
Procuraremos, a seguir, focalizar um pouco mais nitidamente os contornos destes pedaços, principalmente os relacionados à população atendida pelo Projeto Pequenos Trabalhadores,

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

nais do bairro. Pouco a pouco, as quadrilhas que se dedicavam aos assaltos e roubos vão desaparecendo — seus membros são mortos ou presos — e cedem lugar ou são absorvidas por aquelas que se ocupam com tráfico de drogas. Os membros desses novos grupos já não são predominantemente dos pedaços do Pq. S. Madalena e, inclusive, seus chefes não moram no bairro. Opera-se, então, um estranhamento gradativo entre a população e as quadrilhas. As relações são marcadas pelo medo e ninguém mais se sente seguro no seu pedaço.

¹⁴ À pé, para cortar caminho, quando se vai para o início da Av. Primavera de Caiena, da Rua Curupireira, toma-se a Rua Palmeira Bacabá subindo por uma escadaria de 50 metros. Toma-se depois, à esquerda a Rua Jagê que termina na Av. Primavera de Caiena.



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

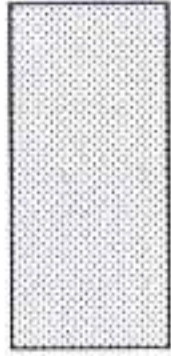
¹⁵ Os indicadores para a descrição e análise das moradias que utilizaremos a seguir são os apresentados e discutidos com muita propriedade em RABINOVICH, 31-50.

¹⁶ RABINOVICH, 40-41.

buscando inferir que influência podem exercer sobre essa população e como ela se relaciona nestes seus territórios. De cada pedaço procuraremos sintetizar informações relacionadas ao tipo de construção predominante entre as moradias das famílias atendidas pelo Projeto, à movimentação pelas vielas e à descrição dos núcleos.

Antes de nos determos mais pormenorizadamente nos diferentes pedaços, é preciso explicitar os indicadores utilizados para a análise das moradias¹⁵:

- **segurança social**: este indicador está relacionado ao resguardo da integridade física, moral e psíquica das pessoas em relação à moradia e seus entornos (vuelas, vizinhança e rua).
- **segurança física**: está relacionado a perigos físicos, a condições de higiene etc.; de modo geral, a presença de um único fator comprometedor deste item foi suficiente para caracterizar a moradia como insegura.
- **condições físicas**: este indicador foi classificado quanto a:
 - *ventilação*: presença ou ausência de janelas, permitindo a ventilação da casa.
 - *umidade*: presença ou ausência de bolor nas paredes e/ou qualidade úmida do ar.
 - *luminosidade*: presença ou ausência de luz natural.
 - *insolação*: presença ou ausência de sol incidindo nos cômodos da casa.
- **índice de aglomeração**: relação do número de habitantes por cômodo; “este índice, denominado ‘densidade’ por arquitetos e demógrafos, seria de no máximo duas pessoas por cômodo habitável, sendo que crianças até um ano de idade não são computadas e crianças de um a um ano e meio são ‘meia’ pessoa, acima do qual haveria confinamento”¹⁶.
- **índice de comodidade**: presença ou não de banheiro interno.
- **índice de privacidade**: obtido a partir da relação cômodo-portas; aqui, o índice esperado é >1.



- **índice de intimidade:** obtido a partir da relação pessoas-cama (a cama de casal é computada como duas); aqui, o índice esperado é =1.

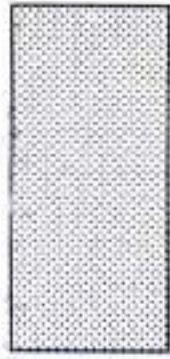
Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

Outras categorias propostas por Rabinovich foram utilizadas também para a análise da casa:

- **ordenação:** é a disposição por funções, a separação e classificação das diversas funções a que serve a moradia (alimentação, repouso, socialização, higiene, procriação etc.); esta separação pode ser feita por marcos *fixos* (paredes), por marcos *semifixos* (cortinas), ambos nas moradias ordenadas ou *móveis* (nas moradias semi-ordenadas).
- **arrumação:** indica ordem e limpeza.

Em que medida os dados coletados a partir destes indicadores podem ser úteis à compreensão das possibilidades de intervenção educativa e social junto a crianças e adolescentes do Pq. S. Madalena? Um dos pressupostos assumidos aqui — como já foi acenado acima — é o de que intervenções educacionais e/ou sociais em situação de exclusão só têm sentido na medida em que buscam superar a visão diretiva de intervenção *para objetos* (no nosso caso, esta específica população carente) em vista de uma visão participativa de intervenção social *com sujeitos*. Tal pressuposto implica na exigência de reconhecer nos membros da população envolvida no Projeto Pequenos Trabalhadores a condição de sujeitos nesse processo. Elaine Rabinovich compreende a subjetividade como uma vivência intersubjetiva que encontra na casa e seu interior a sua estrutura, a um tempo estruturada e estruturante. A visão da casa como um espaço vivido, um 'lugar' e um 'espaçamento', seria construída a partir do corpo simbólico. O corpo simbólico, por sua vez, seria construído através de um sistema de significações que o contextualizariam, ou seja, socioculturalmente. Portanto, através da identidade corporal, construída nas identificações do sujeito com o seu 'entorno', a criança iria se consti-



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogério de Oliveira Bonatto

¹⁷ RABINOVICH, 5-6. Para o conceito de corpo simbólico cf. no mesmo trabalho o cap. "A Casa como Corpo", pp. 108-130.

¹⁸ RABINOVICH apresenta à p. 33, nota 6, uma distinção entre comodidade e conforto, que adotamos neste estudo: "comodidade é o que é trazido pelo avanço técnico, enquanto conforto tem uma característica psíquica de confortar, um atributo da *home* e não da *house*."

tuindo como sujeito cultural. Ao se conceber o desenvolvimento infantil como o processo e o modo de a criança apropriar-se de sua cultura, nesta medida, o conhecimento do contexto sociocultural seria um dos passos para o conhecimento dos processos de desenvolvimento infantil"¹⁷.

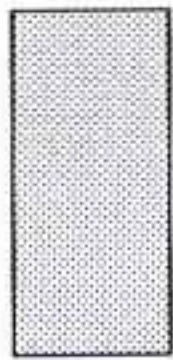
Passemos, então, à caracterização dos "pedaços".

1. Pedaco Amorepinima

Cinco vielas desembocam na Rua Amorepinima e levam às moradias que constituem esse pedaco. Seguindo a orientação geral das construções da favela, quanto mais próxima da rua está a moradia, maior é a tendência de que seja de alvenaria, seja mais ampla, com maiores acomodações. As construções, de modo geral, são levantadas gradativamente. Primeiramente há um barraco de madeira (pedaços de tábuas), depois constrói-se as paredes com blocos e são derrubadas as antigas e, se o espaço permite, é feita ampliação para o lado ou para cima, de acordo com as condições financeiras. Da população atendida pelo Projeto e submetida à pesquisa, seis moradias são construídas em alvenaria. Dessas; duas possuem um andar superior; sendo que uma delas abriga no piso térreo a família de um dos adolescentes e no piso superior habita uma de suas irmãs com os dois filhos (um desses frequenta igualmente o PPT). Duas outras moradias são de madeira.

As vielas mais amplas desse pedaco são a Melão e a das Uvas. A viela Melão, é a que concentra maior número de casas de alvenaria e com certa comodidade e, eventualmente, com certo conforto¹⁷.

Apesar das dificuldades de sustento em graus diferenciados, observa-se que as famílias buscam viver em certas condições de comodidade, pela aquisição de aparelhos ou eletrodomésticos que facilitem nas lides diárias de manutenção da casa ou do vestuário (fogão, geladeira, máquina de lavar roupa ou tanquinho elétrico) ou que proporcionem lazer (televisão, aparelho de som,



rádio). As moradias tornam-se, assim, apesar da exigüidade, espaços nos quais se busca garantir as condições mínimas de convivência familiar, de brincadeiras para as crianças menores e de lazer. Nota-se uma certa preocupação das mães da população estudada em proporcionar condições para que os filhos, mesmo os adolescentes, estejam mais em casa e não fiquem circulando pelas vielas ou pelas ruas.

O terreno é rico em minas de água (que hoje não se pode mais notar)¹⁹. Isso acarreta a pouca estabilidade das construções, principalmente as que se localizam no fundo da depressão. Frequentemente, por ocasião das chuvas de verão, muitas famílias — entre 60 e 80 — acabam perdendo seus barracos e têm que se abrigar na Escola Municipal Arlindo Caetano Filho, que está no pedaço Paulo Rosa.

Podemos dizer que há muito pouca segurança social neste pedaço. Em 1997 duas pessoas foram assassinadas na via Melão, em frente à moradia de três irmãos atendidos pelo Projeto Pequenos Trabalhadores. Nos dois casos, os corpos permaneceram no local desde a madrugada até a tarde aguardando a vinda da polícia para serem retirados. Uma das filhas, inclusive, referiu-se aos tiroteios que acontecem com frequência ali, obrigando crianças e pessoas que passam pela via a se refugiar nas moradias.

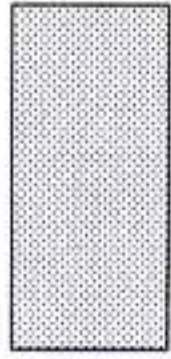
Quanto à segurança física das oito casas visitadas nesse pedaço, quatro apresentam algum fator de risco (precária escada de madeira externa para ter acesso ao andar superior, barranco, pedaços de madeira, ferro e lixo do lado externo à moradia, aberturas sem portas ou janelas que isolam a moradia da via). Cinquenta por cento foi também o índice de condições favoráveis de ventilação, bem como a presença de umidade e ausência de insolação; cinco casas carecem de condições de luminosidade.

Quanto ao índice de aglomeração nas moradias desse pedaço foi de 2,58 pessoas para 18 cômodos), portanto, acima do adequado para a saúde física e mental. Quanto ao índice de comodidade, sete moradias possuem banheiro interno. A única exceção é a que está semiconstruída.

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

¹⁹ Informação colhida em comunicação pessoal de V. Na década de 70, a população utilizava a água dessas minas. Mais tarde, contaminadas pelo esgoto próximo — surgiram casos de doenças e diarreias —, deixaram de ser utilizadas. Assim, foram sendo aterradas e sobre elas foram sendo erguidas novas moradias.



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

²⁰ Banzo é o comportamento característico dos escravos vindos da África e testemunhado por vários autores. Parece-me, entretanto, que, analogamente, pode-se aplicar o termo a este comportamento específico apresentado pelos adolescentes do Pq. Santa Madalena. A consulta ao Dicionário Aurélio parece corroborar esta pretensão: "Banzar: [Do quimb. kubanza] v.t.d. 1. Espantar, pasmar, surpreender. T.i. e intr. 2. Pensar detidamente, meditar, cismar, matutar: 'Um ou outro insone, vigia, com os olhos arregalados a banzar na vida, ouvindo os grilos e os vagos rumores do ermo.' (Afonso Arinos, *Histórias e Paisagens*, p. 125); Banzeiro: 3. Bras. Triste, melancólico, nostálgico; Banzol. [Dev. de Banzar] S.m. 1. Nostalgia mortal dos negros da África: 'Uma moléstia estranha, que é a saudade da pátria, uma espécie de loucura nostálgica ou suicídio forçado, o banzo, dizima-os pela inação ou fastio ou os torna apáticos e idiotas.' (João Ribeiro, *História do Brasil*, p. 207) Adj. 2. Bras. Triste, abatido; pensativo... 4. Bras. MG. Sem jeito, sem graça, encafifado..."

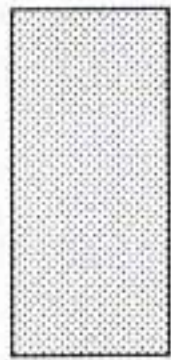
O índice de privacidade é de 0,72 enquanto que o de intimidade é de 1,55 pessoa por cama.

Quanto à ordenação, três moradias se apresentam como ordenadas enquanto que cinco são classificadas como semi-ordenadas. Cinco moradias não se apresentavam arrumadas em relação às outras três.

As vielas, íngremes, são, geralmente utilizadas como passagem. Um ou outro grupo de crianças brinca aí, em frente à própria moradia, quando a mãe quer mantê-las sob os olhos.

O local de brincadeiras, de encontros, de conversas entre vizinhos é o núcleo do pedaço, onde desembocam as vielas na Rua Amorepinima. Crianças andam de bicicleta, de patins, jogam futebol, participam de outras brincadeiras neste espaço de uns 10 metros, que compreende a distância entre a viela Melão e a das Uvas. Adolescentes e jovens também se dirigem para esse local, ficam sentados na calçada do lado oposto às vielas. Eles, às vezes conversam ou muitas vezes permanecem simplesmente observando o movimento da rua, calados, sem muita reação, como que numa espécie de *banzo*²⁰. Para quem identifica, geralmente, as reações juvenis em grupos como animadas, cheias de conversas e risos — contando fatos ou fazendo comentários sobre partidas de futebol ou aventuras vividas — causa impressão ver estes adolescentes, sentados, calados, sem emitir comentários por vários minutos. Também durante as atividades do Projeto é possível observar este comportamento enquanto aguardam para o almoço, por exemplo, ou em algum momento de pausa, quando não estão jogando. É obvio que há os momentos em que conversam animadamente. Tais momentos, porém, se contrapõem a estes outros de patético silêncio.

Quase que como uma "sucursal" desse núcleo, a uns 50 metros, está a esquina da Rua Amorepinima e Av. Primavera de Caiena, geralmente conhecida como BIMAC, por causa da pequena metalúrgica que ali se encontra com esse nome. Nessa esquina, que está num nível mais elevado, se reúnem adolescentes e jovens do pedaço para empinar pipa. Crianças, ali, prati-



camente só observam. Adolescentes e jovens (entre 18 e 22 anos) passam horas nesse local, empinando suas pipas ou observando colegas a fazê-lo.

Entre os que estão sentados nas calçadas ao redor do núcleo deste pedaço está, quase sempre, um adolescente ou jovem encarregado do “comércio” de droga (maconha ou crack) pelos traficantes que controlam essa “boca”. Este comércio é minuciosamente controlado. Papelotes (de maconha) ou trouxinhas (de crack) são distribuídos aos “vendedores” e contabilizados. Os “donos da boca” querem recebê-los de volta (se não foram vendidos) ou querem o dinheiro correspondente. A apropriação indevida de dinheiro ou droga é castigada com tiro de revólver numa das mãos ou mesmo em ambas. Dívidas não pagas, geralmente são resolvidas com a eliminação física do devedor. Para isso, qualquer hora ou local do bairro são adequados. Em várias ocasiões, membros do CEDECA, sabendo de alguma ameaça desses grupos, conseguiram evitar um assassinato, intermediando a “renegociação” da dívida ou mesmo conseguindo que fosse perdoada. Algumas vezes a ameaça de morte é “suspensa” enquanto a equipe do CEDECA providencia a fuga do ameaçado.

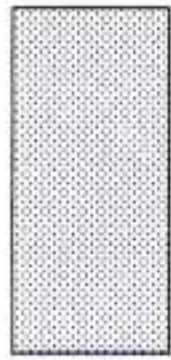
2. Pedaço Rodrigues

Da população que frequenta o Projeto e que pertence a esse pedaço, cinco moradias são de alvenaria, duas são de madeira e uma é feita de alvenaria e madeira.

Do ponto de vista da segurança social, este pedaço também se apresenta com características semelhantes ao Pedaço Amorepinima. A ROTA, da Polícia Militar faz freqüentes incursões, principalmente de madrugada, nesse território; há troca de tiros entre polícia e grupos que têm como base esse pedaço da favela. Pessoas passam armadas pelas vielas ou há manuseio de armas de fogo, sem controle ou conhecimento adequado de seu funcionamento, perto de crianças ou outras pessoas. Quanto à

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

segurança física, das oito moradias visitadas, quatro apresentam algum risco físico (parede umedecida, janela solta da parede, pavimento superior de pranchas de madeira, passagem da viela feita com pedaços de madeira sobre o esgoto que corre a céu aberto).

Quanto às condições físicas: seis habitações apresentam ventilação inadequada, pouca luminosidade e insolação inadequada. Quatro apresentam problemas de umidade.

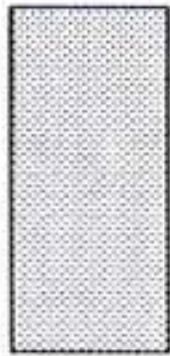
O índice de aglomeração apurado nesse pedaço, entre as famílias visitadas, foi de 1,67. Tal índice, porém, deve ser relativizado na medida em que algumas famílias vivem num espaço marcadamente exíguo. Quanto ao índice de comodidade, sete habitações têm banheiro interno. O índice de privacidade destas moradias é de 0,57 e o de intimidade é de 1,30.

Quanto à ordenação, três se apresentam ordenadas e cinco são semi-ordenadas. Três também se apresentaram arrumadas.

Neste pedaço, as condições de comodidade das famílias estudadas são inferiores às do Pedaço Amorepinima. Quase todas as famílias possuem aparelho de televisão, somente uma tem outros eletrodomésticos, inclusive forno de microondas (constitui, portanto, uma exceção). As casas, porém, são, na maioria de material precário ou apresentam alguma situação de risco físico. Nesse pedaço, as crianças das famílias visitadas tendem a passar mais tempo brincando nas vielas ou nas Ruas Rodrigues dos Santos e Fonseca Lessa.

O Pedaço Rodrigues tem um número maior de vielas que se entrecruzam. Além da Rua Rodrigues dos Santos, cinco outras vielas desembocam na Rua Fonseca Lessa e quatro outras na Rua Dr. Edgar Pinto Cesar.

O núcleo do pedaço, entretanto, é a Rua Rodrigues dos Santos, principalmente na esquina com a Rua Fonseca Lessa. Na Rua Rodrigues dos Santos encontram-se três botecos (pequenos cômodos, com abertura para a rua), onde sempre há alguns homens jogando dominó, cartas ou simplesmente conversando; além de “vendedores” de drogas que fazem seus pontos por ali.



Na esquina dessa rua com a Fonseca Lessa, encontra-se o bar de propriedade da mãe de duas das crianças atendidas pelo Projeto, onde há uma mesa de sinuca e alguns jogos eletrônicos. Ali é o ponto de encontro de adolescentes e jovens. Nesse espaço estão sempre crianças jogando futebol, brincando ou estão sentadas na calçada, conversando ou observando o movimento, algumas também fazendo banzo.

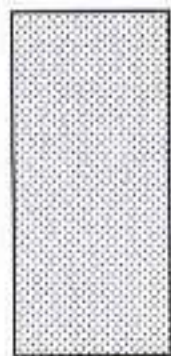
Ao lado desse bar, na Rua Rodrigues dos Santos está a capela da comunidade católica, dedicada a Joílson de Jesus, menino de rua que foi morto há alguns anos no centro da cidade de São Paulo. Alguns educadores se referem a esse pedaço não como Rodrigues mas como Joílson. Nos últimos três anos, a capela foi ampliada dando lugar a uma construção de dois andares com salões que deveriam abrigar uma oficina de marcenaria com curso profissionalizante de marceneiro para jovens e adolescentes dali. Uma cooperativa foi criada para gerenciar tal atividade mas, por problemas internos, acabou sendo dissolvida. No momento tal espaço é aberto e utilizado para as atividades da comunidade (celebrações, reuniões, festas) e como sede do Projeto Qualis, da Secretaria de Saúde do Estado.

3. Pedaço Paulo Rosa

Paulo Rosa é o líder comunitário desse pedaço. Foi um dos primeiros moradores do bairro e desde seu início lutou por benfeitorias na região. É ele quem se dispõe a organizar os moradores em situações de dificuldades ou, quando é necessário, fazer alguma reivindicação. Até algum tempo atrás, as pessoas manifestavam por ele uma certa veneração. Também conseguiu, entre outras coisas, fundos para a construção de uma farmácia popular. Assim, foi levantada uma construção de dois andares em frente à Escola Arlindo Caetano Filho. Na parte térrea funcionaria a farmácia e no andar superior estabeleceu a sua moradia. A farmácia só funcionou por poucos meses. Paulo Rosa vai sempre a

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogério de Oliveira Bonatto

²¹ O Pq. S. Madalena conheceu até o final da década passada uma efervescência de movimentos e mobilizações populares. Núcleo do Partido dos Trabalhadores, Movimento de Saúde, Pastoral Operária, Movimento pela Moradia organizavam a luta política e por melhores condições. Muitos membros desses movimentos pertenciam também às comunidades de base da Igreja Católica. Segundo V., o movimento 5-2 (cinco famílias apoiavam duas de trabalhadores desempregados, em 89, surgiu no bairro e depois se estendeu pela cidade e municípios do ABC). Hoje, quase não se percebe a presença destes grupos ou movimentos, a não ser o Mutirão da Fazenda da Juta e o Movimento de Saúde. Entre os fatores que concorreram para a desarticulação desses movimentos podem ser mencionados a mudança de residência de muitos dos líderes, um certo cansaço/desilusão observado em muitos militantes após a derrota de Lula para Collor, nas eleições presidenciais de 89, a desarticulação dos movimentos populares operada pela política municipal durante a administração Maluf acompanhada também pelas estratégias colocadas em prática pela cúpula da Igreja Católica para retirar influência e poder das autoridades eclesiais que davam suporte a estes movimentos que eram impulsionados pela proposta da Teologia da Libertação. Ao par do arrefecimento da militância política e social, muitos líderes, antes pertencentes às comunidades de base, acabaram se afastando da Igreja Católica.

programas populares de rádio apresentar as dificuldades do Pedaco onde mora, propor campanhas, apresentar queixas a políticos ou agradecer pela ajuda concedida por algum vereador ou homem público. Na medida em que alguns movimentos populares foram sendo organizados no bairro, baseados num nível maior de participação, sua influência deixou de ser tão marcante²¹. Entretanto Paulo Rosa ainda é uma liderança e referência, ao menos para as pessoas que moram no pedaço em que ele reside. Em sua homenagem, ele propôs que a rua que circunda a Escola Arlindo fosse chamada de Paulo Rosa. Quando perguntadas sobre o local onde moram, as pessoas desse pedaço dizem, sem hesitação: “Rua Paulo Rosa”.

Seguindo uma orientação geral, as moradias que têm sua frente voltada para a Rua Paulo Rosa são de alvenaria. Entrando por uma das cinco vielas que desembocam na referida rua, as construções são ou de alvenaria ou de madeira.

Duas famílias atendidas pelo Projeto Pequenos Trabalhadores moram nesse pedaço. Na época em que realizamos as visitas às moradias, duas adolescentes, que são irmãs, estavam deixando de frequentar o Projeto. Visitamos a outra família, mas a mãe não quis nos receber na sua casa, pois disse que estava muito desarrumada. Pudemos somente observar um pouco o interior de sua casa pela porta entreaberta.

Esta moradia, em que vivem três pessoas, está localizada na vial que parte dos fundos da Escola Municipal. Por esta vial se desce uns 30 metros até que se chega a um barranco. Toma-se a esquerda e a uns 10 metros está a moradia da família. É feita de madeira e constituída por um único cômodo. Pelo que pudemos constatar, não tem muita ordenação ou arrumação além de não apresentar condições físicas adequadas. Do ponto de vista da segurança física, o esgoto que vem de outras moradias acima passa descoberto pelo meio desta habitação.

O núcleo desse pedaço é a Escola Municipal Arlindo Caetano Filho. Em frente a esta escola está a residência de Paulo Rosa e, ao lado, a capela chamada de Aparecidinha, da comunidade



católica, que se reúne aos domingos para as celebrações e em alguns dias de semana. Pequenos botecos ou *bonbonnières* funcionam junto ao núcleo que abriga também tráfico de drogas.

4. Pedaco Santa Ângela

Três famílias da população que é objeto deste estudo habitam nesse pedaco.

As moradias são todas de alvenaria, com espaços bem superiores, em tamanho, à média dos espaços ocupados pelas moradias nos pedaços anteriormente analisados. Apresentam também um certo grau de comodidade, pela presença nas moradias de aparelhos ou eletrodomésticos que facilitam os trabalhos de casa e possibilitam o lazer.

Há, porém, pouca segurança social. Uma das mães entrevistadas informou que a Polícia Militar (ROTA), geralmente de madrugada (no dia mesmo de nossa visita, por exemplo), entra perseguindo e atirando pela viela. Nessa época, três fugitivos da prisão estavam por lá (um tinha sido recapturado naquela madrugada). Em setembro de 97, numa incursão, a Polícia Militar entrou em vários barracos, confiscou um aparelho de som (sob pretexto de que teria sido roubado, apesar de ter sido apresentada a nota fiscal da compra), policiais urinaram ostensivamente em frente a um grupo de adolescentes que estava na viela²².

Há uma certa combinação/aviso das escaramuças da Polícia Militar com os traficantes que agem no pedaco (há uma boca no final da viela). Quando esperam alguma ação da ROTA, o bar e a *bonbonnière* (que reúne crianças e adolescentes da vizinhança por causa dos jogos eletrônicos que mantém) fecham mais cedo e a viela fica deserta (os moradores se retiram para suas casas). Há um toque de recolher informal/oficioso. A viela, também, no seu final dá acesso à temida “Ilha”: o pedaco da favela do Pq. S. Madalena mais marcadamente violento, onde habitam e se refugiam traficantes e assaltantes com seus grupos.

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

²² Por muito tempo, até 1993, a população deste pedaco era intimidada e sofria violência de um pistoleiro, M. Ele era “ganso”, ou seja trabalhava apoiando a polícia ou como informante ou executando marginais (nessa época, a região estava sob a jurisdição da 42ª Delegacia de Polícia, que se tornou famosa no final da década de 80, pela morte de dezenas de presos, trancados todos numa só cela – era quase uma centena – para sufocar uma rebelião; hoje é a 70ª Delegacia de Polícia que está encarregada do policiamento da região). M. liderava um grupo que se encarregava dos extermínios. Tinha uma espécie de chácara do outro lado do córrego Oratório, do lado oposto ao pedaco Santa Ângela; dessa sua propriedade, com frequência, disparava tiros em direção ao pedaco, ferindo ou matando várias pessoas. Era uma figura, sob certo aspecto, folclórica porque costumava desfilar pela região com chapéu e montado em seu cavalo branco, como um “cowboy” que devia colocar ordem naquele “farwest”. Aos poucos, o grupo de M. foi se dissolvendo – muitos de seus companheiros foram assassinados, outros, presos – e M. acabou deixando a região por causa das ameaças de morte que recebeu e pela pressão do CEDECA que apresentou várias denúncias contra ele junto ao Ministério Público e na CPI da Câmara Municipal que investigou a violência contra crianças (1993). Não se sabe ao certo seu paradeiro. Corre voz de que foi assassinado. Era um “arquivo” cheio de informações comprometedoras para muita gente.



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

Das moradias visitadas, quanto à segurança física, não foram detectados fatores de risco. Quanto às condições físicas, em todas as moradias as condições de ventilação, luminosidade e insolação são precárias, apesar de não termos notado sinais de umidade em nenhuma delas.

O índice de aglomeração nesse pedaço é de 1,75, enquanto a presença de banheiro interno (que indica a comodidade) é total. O índice de privacidade é de 0,87, enquanto que o de intimidade é de 1,27.

No que se refere à ordenação, uma moradia se apresenta ordenada e duas semi-ordenadas. Todas se apresentaram limpas e em ordem (arrumação).

O núcleo deste pedaço encontra-se a uns 20 metros da entrada da viela (pela Rua Boleadeiras) onde está o bar e a *bonbonnière*. No bar, reúnem-se os homens para beber, conversar, passar informações. Na *bonbonnière* estão, principalmente, meninos e adolescentes que se reúnem ali para se divertirem nos jogos eletrônicos e conversar. As moradias visitadas encontram-se no núcleo do pedaço.

No mês de agosto de 97 foi inaugurada a rádio comunitária, gerenciada por alguns moradores do pedaço. A programação é composta por programas musicais conduzidos pelos próprios coordenadores da rádio e informações de interesse do pedaço.

Há uma maior presença da população na viela. Mulheres e homens encontram-se aí para conversar após o almoço ou no fim da tarde. Tal proximidade permite que se encontrem também para discutir e combinar ações em vista de melhorar suas condições de vida. Um grupo foi organizado para reivindicar junto à Prefeitura do Município melhorias para o pedaço. Contam com a ajuda de uma vereadora do PC do B que, durante a campanha eleitoral, foi até ali. O grupo prometeu apoio à sua candidatura contanto que durante o mandato ela acompanhasse a situação do pedaço. Cumprindo sua promessa, a vereadora envia um assessor parlamentar, que se reúne freqüentemente com os moradores. Este pedaço é o que demonstra uma maior capacidade de mobilização da população, em vista de conquistar melhores condições para o lugar onde mora.



SÍNTESE: MORAR NOS PEDAÇOS DO Pq. S. MADALENA

O território da favela do Pq. S. Madalena, com seus pedaços, forma como que um subsistema de vida social, com uma organização peculiar, relacionado ao resto da população do bairro e da cidade, mas comportando uma certa autonomia.

A observação *in loco* e as condições sócio-econômicas das famílias observadas e de sua vizinhança permitem constatar que este espaço ou espaços geográficos enquadram-se no que comumente denominamos por favela. Cabe, entretanto, a pergunta: o que faz com que essa população apresente uma identidade, condições, características e visões de mundo comuns? Parece-me poder afirmar que o constitutivo dessa identidade comum é a história de *construção* desta área urbana por parte desta população particular. As histórias de ocupação, muitas vezes, a contragosto, — algumas mães o testemunham nas entrevistas —, de construção e melhoramentos graduais das moradias — executadas pelos próprios membros das famílias com ajuda de parentes e vizinhos, numa espécie de mutirão informal — vão compondo os traços que unem estes indivíduos e definem sua identidade comum.

Barracos, casas, vielas, pedaços vão surgindo e se entrelaçando, compondo, assim, esta *cidade* construída por esta população. As famílias, os indivíduos foram, ao longo dos anos, se adaptando e distribuindo esta adaptação nesse espaço que lhes foi “assinalado” ou que se lhes permitiram ocupar²³. A disposição das moradias, as possibilidades de comunicação nos e entre os pedaços caracterizam sua cultura (visão de mundo concretizada no trabalho de construir suas moradias e seus entornos).

Essa história de ocupação e construção desse espaço urbano, porém, além das dificuldades que lhe são inerentes, é marcada por uma situação crônica de conflito. É possível dizer que há uma disputa silenciosa pela ocupação desses territórios entre a população que neles moram e os grupos marginais que, de certa forma, controlam e impõem regras de ocupação e procedimento nesse espaço²⁴.

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

²³ Estamos entendendo aqui o processo de urbanização como o processo de “aglomeração de adaptações do espaço, ela mesma podendo ser considerada uma adaptação ou um instrumento”. O adjetivo “urbano”, no nosso caso, “refere-se às ocorrências na aglomeração espacial de adaptações”. Cf. SERRA, 17.

²⁴ Na busca de parâmetros teóricos que permitissem compreender esta realidade, encontrei os conceitos de *isolats* e de *não-lugar*, elaborados por Marc Augé. *Isolats* seria um “grupo étnico isolado ou um grupo de seres vivendo isoladamente”. Os não-lugares, para este autor, “são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens... quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda *os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta*” (grifos meus) Cf. AUGÉ, 36-37 e 42. Se, por um lado, a favela do Pq. S. Madalena com sua população enquadra-se, de alguma maneira nestes dois conceitos, por outro, supera-os. Não constituem um *isolats* justamente pelo aspecto da permeabilidade existente, como acenei acima, entre este território específico e os outros territórios urbanos, tanto os que lhe estão próximos quanto os mais distantes, operada pelas populações destes territórios. Da mesma forma, a favela do Pq. S. Madalena, se é um território que abriga os refugiados do planeta, portanto, um não-lugar, é igualmente um lugar que é substrato de algum valor de troca; de outra forma, que sentido haveria em tomar de assalto este espaço e controlá-lo?



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogério de Oliveira Bonatto

²⁵ Esta expressão é inspirada em Giddens, que fala sobre o seqüestro da experiência (Cf. GIDDENS, 144-180). Estamos entendendo aqui espaço público não simplesmente como território de domínio e trânsito de todos mas como o espaço elaborado cultural e psicologicamente por uma determinada população, no qual ela se reconhece, deita suas raízes e que se torna ponto de referência simbólico para essas pessoas. Tal compreensão encontra respaldo na arguta análise das expressões Colônia, Culto e Cultura elaborada por Alfredo Bosi (Cf. BOSI, 11-63). O verbo latino *colo* exprime os significados de morar e ocupar a terra, bem como o de trabalhar e cultivar o campo. No passado, a forma adjetiva *cultus* era atribuída "ao campo que já fora arroteado e plantado por gerações sucessivas de lavradores. *Cultus* traz em si não só a ação sempre reproposta de *colo*, o cultivar através dos séculos, mas principalmente a qualidade resultante desse trabalho e já incorporada à terra que se lavrou... *Cultus* é sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento já tem memória" (p. 13).

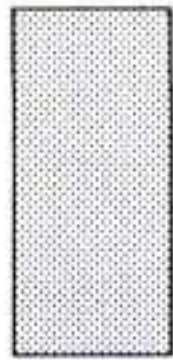
²⁶ Pode-se dizer que se instaurou ali um verdadeiro controle disciplinar, no sentido que lhe atribui Foucault. A população vive vigiada sob o *Panopticon* da organização marginal (quadrilhas de tráfico e assaltos) que controla os mínimos movimentos no pedaço, entre os pedaços, assinala em quais e em que períodos são permitidas as locomoções. A este respeito, cf. FOUCAULT, 63-82.

²⁷ O conceito de espaço de movimento livre foi elaborado por Kurt Lewin (Cf. LEWIN, 1970 e 1973). Tal espaço se apresenta como conceito psicológico que "diz respeito às regiões acessíveis à pes-

Constata-se que a população desses pedaços foi sendo submetida a um verdadeiro *seqüestro do espaço público*²⁵ de que dispunha para tecer suas relações, estruturar simbolicamente seu enraizamento no espaço do bairro, da cidade, das relações de trabalho, de lazer, familiares. Este seqüestro se apresenta, tanto num nível macrossocial, patente no processo gradativo e inexorável de empobrecimento dessas populações, quanto num nível microsocial, na medida em que as relações vicinais, familiares e de compadrio — caracterizadas pela solidariedade — vão se degradando em relações de controle de espaços, de poder, impostos a força de intimidação²⁶. A opção por se encerrar no espaço da própria moradia, sem se preocupar com o que acontece aos outros para não ser perturbada (expressa por várias mães em suas entrevistas), indica esta pressão pela qual passam as pessoas que habitam nestes territórios.

Morar nos pedaços do Madalena implica aceitação dessa situação de constante tensão: submeter-se a um *plus* de controle, em vista de poder manter um *espaço mínimo de movimento livre*²⁷. Sob o ponto de vista das limitações externas, é possível dizer que os pedaços do Pq. S. Madalena são espaços onde crianças, adolescentes e jovens vivem sob situação de risco social. Ou seja, praticamente, diante da crescente instauração da situação de desemprego estrutural, a marginalidade se lhes apresenta quase como que a única opção de atividade produtiva, de sustento; a possibilidade que se lhes apresenta é a inserção marginal neste setor de "serviços" do mercado de trabalho. Fora deste setor marginal, resta o setor terciário nos quais são comumente aceitos: faxina, serviços gerais em empresas, assim como seus pais.

Naturalmente, não lhes é vedado de modo explícito o ingresso a este mercado colocado à disposição pelas forças hegemônicas da sociedade. As barreiras pessoais vão se apresentar como meios mais eficazes de cerceamento a este acesso no mercado: ao experimentar as condições de concorrência com jovens de outros segmentos sociais, as dificuldades relacionadas ao estudo e ao percurso pelas séries escolares (alguns repetem três



ou quatro vezes a mesma série) e, mais ainda, o desafio de conseguir vaga num dos poucos cursos supletivos mantidos pelo poder público, tais barreiras vão se delineando e tornando-se psicologicamente mais nítidas.

Assim, não se torna difícil entender a opção de muitos em entrar no tráfico de drogas, conscientes dos riscos inerentes a esta atividade e que se somam aos outros relacionados ao pedaço em que moram. O banzo, o empinar pipas durante horas revelam igualmente a perspectiva limitada em que se encontram.

A moradia, então, parece ser ou vai se tornando, cada vez mais, o *espaço físico mínimo de locomoção* que concorre para a estruturação do espaço de movimento livre de que dispõem e do qual podem medir e projetar o trânsito para outros espaços²⁸. Espaço permeado de contradições e paradoxos. É o lugar onde se mora, onde se encontra descanso, onde se guarda as coisas e ao mesmo tempo é exíguo, expulsa, manda para a rua, não comporta todos aí. Os indicadores utilizados para a análise das condições das moradias vão apontando para a precariedade de muitas delas.

Não obstante as limitações físicas, sociais e econômicas, as moradias são percebidas como espaço próprio, são cuidadas, recebem melhoramentos. O acesso a bens, que tornam possível um mínimo de comodidade e lazer convive com práticas de pedido de esmolas ou de busca de donativos em residências ou instituições. Isso indica, por um lado a preocupação em tornar este espaço vital e, por outro, mostra que o acesso a bens de consumo (televisão, geladeira, aparelho de som) é também marginal.

Moradias são também ponto de referência para relações vicinais e amizades, laços cultivados com pessoas que co-dividem o mesmo pedaço. Estas relações exprimem e são o terreno no qual se enraízam as pessoas neste território²⁹. Muitos se visitam ou frequentam as casas dos vizinhos, trocam confidências, apoiam-se cuidando dos filhos uns dos outros. As moradias, assim, constituem pontos de encontro consigo mesmos enquanto se tornam referência para a relação com os outros.

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogério de Oliveira Bonatto

soa a partir de sua posição atual. Geralmente se apresenta como região conexa múltipla, cujos limites são determinados, principalmente: 1) pelo que é proibido a uma pessoa e 2) pelo que está além de suas aptidões. Temos então dois tipos de interdições contidas no espaço de movimento livre. Uma delas diz respeito ao social, ao que é proibido, mas que pode ser pensado também em termos das proibições internas, que dificultam a ação do indivíduo. A outra interdição diz respeito mesmo ao psicológico, pois se refere àquilo que o indivíduo não é capaz de fazer, ao que está além de suas aptidões... Muitas vezes a interdição é realmente psicológica, inconsciente, limitando as possibilidades do indivíduo, impedindo-o de usar todos os seus recursos internos, tornando-o incapaz para certas atividades” (Cf. DAMER-GIAN, 105-106)

²⁸ P. frequentou o Projeto até 1995. Deixou-o para trabalhar numa fábrica de brinquedos que funcionava no bairro. Com o fechamento da fábrica, foi-lhe oferecido pela zeladora da Igreja um trabalho na empresa em que sua filha trabalha, na Lapa. P. providenciou os documentos, foi até a empresa, foi entrevistado. Entretanto não foi admitido - alegaram que morava muito longe. Meses depois foi chamado para trabalhar nos Cursos Profissionalizantes organizados pelo CEDECA. Novamente, a zeladora da Igreja lhe acenou-lhe para a possibilidade de trabalhar na empresa da Lapa. P. recusou prontamente, apesar de ser tal oferta economicamente mais vantajosa.

²⁹ As entrevistas com crianças e suas mães vão indicando este enraizamento a partir das relações de amizade. Indagadas



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

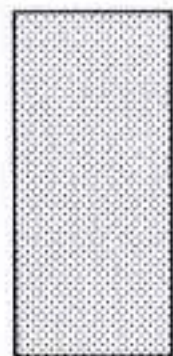
Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

sobre onde gostariam de morar crianças, adolescentes e mães, geralmente respondiam que preferiam ficar no Madalena. O motivo, em geral era o círculo de amizade que mantêm.

Para freqüentar o Projeto Pequenos Trabalhadores, crianças e adolescentes devem se dispor a aderir ao conjunto abstrato de normas/limites que fazem parte dos princípios que embasam esta intervenção social e educativa. Esta adesão pode ser fruto de assentimento ou de submissão, que podem ser manifestados pelos silêncios apresentados por esta população. Se há silêncios nas relações entre crianças e adolescentes, por um lado, e educadores, estes silêncios se apresentam extremamente redimensionados diante do silêncio muito mais ampliado e imposto a que toda a população é submetida pelos grupos marginais que controlam os territórios onde vivem. O Projeto Pequenos Trabalhadores, com o espaço de movimento tanto físico quanto psíquico que possibilita, parece apresentar sua relevância social e educacional no fato de se constituir como uma válvula de escape e espaço de desenvolvimento para algumas das crianças e adolescentes destes pedaços.

Procurou-se identificar, assim, o Parque Santa Madalena enquanto heterotopia, como lugar diferente da ortotopia para que se possa fazer a arqueologia virtual presente, proposta por Santos. É um dos lugares onde se pode perceber mais intensa senão também mais claramente – porque não hegemônico – os conflitos e contradições paradigmáticos nos seus reflexos sociais, econômicos, culturais e epistemológicos.

O esforço aqui despendido procurou fazer uma aproximação do pensamento, das visões de mundo desta parcela da sociedade, a população do Pq. S. Madalena. A relevância de tal empreitada reside na busca de superar as armadilhas criadas pela distinção rígida que o paradigma epistemológico moderno faz entre aparência e realidade, elegendo como único, intemporal e invariável sua própria interpretação. Isto, justamente porque não estão claras as fronteiras entre a realidade e sua interpretação. Esta é uma armadilha na qual caem muitos dos agentes educativos que atuam na intervenção social, pois, as bases epistemológicas destes não são nem necessária nem absolutamente correspondentes às da população à qual se destina o atendimen-



to. Faz-se necessário ampliar a compreensão da inteligibilidade intercultural das necessidades, superar a situação muito comum na qual o paradigma da sociedade hegemônica é operado pelos agentes da intervenção para definir as necessidades da população atendida. ■

Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogério de Oliveira Bonatto

BONATTO, Francisco R. de Oliveira. The making of silence and sequestration of the public space: an ethnographic incursion in the poor outskirts of the city of São Paulo. *Plural*; Sociologia, USP, S. Paulo, 6: 47-75, 1.sem. 1999

Abstract: According to the proposal of Boaventura de S. Santos of a present virtual archaeology, the article presents the study accomplished in the Parque Santa Madalena in the poor outskirts of the city of São Paulo, in view of understanding the impact, there, of the different proposals of social intervention with the lacking population. Using the concept of “pedaço”, elaborated by José G.C. Magnani, and trying to identify, in this area, the itineraries traveled by the studied population, this study tries to offer a characterization of the neighbourhood as a whole and of its “pedaço”. The relevance of such taskwork is in placing marks for the understanding of the intercultural inteligibility of the needs detected so much by the target population of the interventions as for the educational and social agents.

Uniterms: silence making, marginality, urbanization.

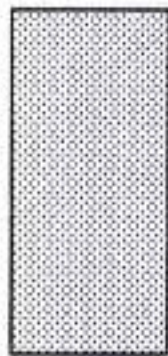
BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, M., *O Próximo e o Distante em ID., Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Papirus, 1992, 13-42.

BOSI, A., *Dialética da Colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

DAMERGIAN, S., *O Papel do Inconsciente na Interação Humana: Um estudo sobre o objeto da Psicologia Social*. São Paulo-SP, Tese (Doutorado) - IP-USP - 18/11/1988.

FERREIRA, A.B. de H., *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo, Nova Fronteira, 1995, 2ed.



Produção do silêncio e seqüestro do espaço público — Uma incursão etnográfica na periferia da cidade de São Paulo.

Francisco Rogerio de Oliveira Bonatto

FOUCAULT, M., *A Verdade e as Formas Jurídicas* (Cadernos da PUC/RJ – Série Letras e Artes, nº 16) Rio de Janeiro, PUC, 1974.

GEERTZ, Cl., *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GIDDENS, A., *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford, Stanford University Press, 1993.

LEWIN, K. 1970, *Problemas de Dinâmica de Grupo*. São Paulo, Cultrix.

LEWIN, K. 1973. *Princípios de Psicologia Topológica*. São Paulo, Cultrix.

MAGNANI, J.G.C., *Festa no Pedacço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

RABINOVICH, E.P., *Vitrinespelhos Transicionais da Identidade: um estudo de moradias e do ornamental em espaços liminares brasileiros*. São Paulo – SP, Tese (Doutorado) - IP-USP - 1996.

SANTOS, B. de S. *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 1995.

SERRA, G., *Urbanização e Centralismo Autoritário*. São Paulo, Edusp/Nobel, 1991.

SOUZA, I., *O Compadrio: da política ao sexo*. Petrópolis, Vozes 1981.